DA HISTÓRIA

MAIKE CABRAL

Tempo, eternidade e História

A noção de tempo tem sido alvo de intensos debates filosóficos, assim como sua relação com a eternidade e a história. Desde os antigos gregos até os pensadores contemporâneos, filósofos têm explorado a natureza do tempo, questionando se é apenas uma sucessão linear de momentos ou se possui uma dimensão mais profunda.

Aristóteles via o tempo como uma medida do movimento, enquanto Kant argumentava que era uma forma a priori da intuição humana. Já Santo Agostinho concebia a eternidade como uma realidade intemporal e atemporal, abrangendo todos os tempos em um único presente divino.

Nesse contexto, a história surge como um palco axial, onde o tempo se desenrola e adquire significado. A história é uma busca pelo eterno, revelando padrões recorrentes, valores universais e aspirações humanas ao longo dos séculos. É uma síntese entre o desenvolvimento da criação e a ação providencial, onde a temporalidade se torna um veículo para a compreensão e realização da condição humana.

Em vista disso, nosso método da História Sintética proporciona uma visão holística acerca da experiência humana, tendo como pressuposto a conexão intrínseca entre tempo e eternidade. Através do método, procuramos refletir sobre o passado através de uma ação consciente no presente, a fim de alcançarmos possibilidades futuras que estão para além destas dimensões temporais. Afinal, a base para uma saudável compreensão histórica está em compreender os acontecimentos sob a ótica da ação providencial que os permeia.

Em suma, a discussão filosófica acerca do tempo e da eternidade encontra no método da História Sintética um ponto de convergência. A história é o palco onde essas realidades se entrelaçam, permitindo-nos compreender a experiência humana em sua totalidade, desde os eventos mais singulares e pessoais até os grandes movimentos da humanidade ao longo dos tempos.

Os bons e velhos Novíssimos

A teologia católica dos novíssimos, tema tão relevante e urgente - mas desprezado - nos tempos atuais, encontra suas origens na rica tradição da Igreja. Desde os primórdios do cristianismo, a Igreja compreendeu a importância de abordar as realidades últimas que envolvem o destino humano, guiando os fiéis em sua jornada rumo à salvação eterna.

Ao longo dos séculos, inúmeros teólogos e santos se debruçaram sobre essa temática, enriquecendo a história da Igreja e proporcionando valiosos ensinamentos para a meditação pessoal. Os Padres da Igreja, como Santo Agostinho e São João Crisóstomo, já abordavam os novíssimos em suas obras, ressaltando a necessidade de uma vida virtuosa e a vigilância constante diante do julgamento divino.

No contexto da Idade Média, destacam-se pensadores como São Bernardo de Claraval, cujas obras profundamente contemplativas e místicas oferecem uma visão

eloquente dos novíssimos. Nesse período, também encontramos a figura ilustre de São Tomás de Aquino, cuja sistematização teológica na Summa Theologiae aborda de forma abrangente os temas relacionados aos novíssimos.

Essa tradição teológica se perpetuou ao longo dos séculos, influenciando a espiritualidade católica e moldando a compreensão da condição humana diante das realidades últimas. A importância dos novíssimos na ótica da história pessoal reside na necessidade de confrontar a efemeridade e a transitoriedade da vida terrena, lembrando-nos de que somos seres destinados à eternidade.

Meditar sobre os novíssimos nos convida a transcender as trivialidades e superficialidades do mundo moderno, nos confrontando com a brevidade de nossa existência e estimulando-nos a buscar uma vida virtuosa. Essa reflexão nos ajuda a avaliar nossas ações, nossas prioridades e nossas escolhas, nos iluminando com a sabedoria da tradição católica e nos direcionando ao encontro definitivo com Deus.

Vivemos em uma época marcada pela superficialidade e pela busca incessante por realizações terrenas que negligência a reflexão sobre tais assuntos e nos afasta constantemente de realidades tão urgentes. Porém, os bons e velhos novíssimos continuam nos desafiando e convidando a uma reflexão profunda sobre os fins últimos do homem.

Entre a justiça e a vingança

Na intricada trama das relações humanas ao longo dos tempos, surge incessantemente o embate entre a justiça e a vingança. Diante das transgressões sofridas, nossa natureza instintiva sempre anseia por uma resposta proporcional, uma punição à altura do mal infligido. No entanto, na essência da doutrina católica encontramos um preceito revolucionário e ímpar: o perdão fundamentado na caridade.

O cristianismo, como movimento histórico, destaca-se ao propor uma transformação sem precedentes, uma verdadeira revolução. Sua mensagem transcende a simples noção de justiça retributiva, desafiando-nos a uma metamorfose interior. Ele nos convida a renunciar à busca pela vingança e adotar uma postura de amor incondicional, capaz de romper o ciclo incessante de ódio, violência e vingança.

A virtude do perdão, intrínseca à justiça, é uma novidade trazida por Jesus Cristo, jamais testemunhada na história como uma norma geral ou um impulso humano natural. Ele nos ensina que a verdadeira justiça não consiste em retribuir o mal com o mal, mas em superar o mal com o bem. Em vez de responder com rancor, somos chamados à abnegação diante da adversidade, a oferecer amor e misericórdia àqueles que nos ofendem.

Essa transformação de mentalidade, rompendo as correntes do mal, é o poder revolucionário do cristianismo. Ao optarmos pelo perdão em vez da vingança, escolhemos ser o Cristo, contrapondo o mal com um ato de caridade. Nesse gesto

transformador, expressamos uma virtude sobrenatural capaz de transcender nossos instintos egoístas, buscando a reconciliação e a paz no perdão.

A caridade cristã não se resume a uma mera tolerância passiva, mas sim a uma atitude ativa de amor. Ela nos motiva a compreender o próximo, a acolher seu sofrimento e a agir em seu benefício, mesmo quando ele nos prejudica. Essa é a única revolução benéfica possível: não apenas mudar o mundo ao nosso redor, mas transfigurar a nós mesmos, renunciando à vingança e cultivando a caridade em nossos corações - e isso por um poder divino!

Portanto, entre a justiça e a vingança, o Cristo se revela a esperança no perdão, como uma bússola para nossas ações, afim de rompermos as reais correntes da opressão e do mal.

A árvore da História

A história é como uma árvore majestosa, cujo tronco representa a fé religiosa, o alicerce que sustenta toda sua estrutura. É através dessa fé que os ramos se estendem, entrelaçando-se em diferentes formas, como as civilizações e suas diversas religiões. Assim como os ramos se entrelaçam, as civilizações se conectaram e influenciaram umas às outras ao longo do tempo, formando uma intrincada rede de experiências humanas que culminaram na Fé por excelência, aquela que unifica toda a extensão do tronco: a Fé cristã.

As folhas desta árvore são as doutrinas sapienciais, que surgem como uma exuberante manifestação da sabedoria divina. Cada folha representa uma revelação, uma luz que iluminou o caminho dos fiéis ao longo dos séculos. Essas doutrinas, preservadas por tradições e povos, são como bálsamos preciosos transmitidos de geração em geração, purificando a compreensão da humanidade sobre Deus e seu plano de amor - "a cura das nações".

Mas são os frutos que simbolizam a realização plena desta árvore. Os frutos são a manifestação do Logos divino, personificado em Cristo, o Filho de Deus. Cristo é o fruto perfeito, o ápice do amor e da revelação divina. Em sua vida terrena, Ele trouxe a redenção à humanidade e ensinou o caminho da santidade através da Fé. Os santos, conformados perfeitamente a Ele, também são frutos que se formam nos galhos da árvore da história pelo testemunho da graça divina dado em suas vidas exemplares, que servem como faróis de inspiração e esperança para todos os crentes.

O solo em que a árvore da história se enraíza é a Providência divina. É Deus, o fundamento de tudo, que sustenta e guia todo seu curso. Através de Sua Providência, Ele tece o tecido das experiências humanas, dirigindo-as em direção ao cumprimento de Seu plano perfeito. É a unidade entre o desenvolvimento da criação e a ação divina que dá sentido e propósito à história como um todo.

Contemplar esta árvore é testemunhar a obra divina, onde a verdadeira Fé é o tronco sólido; as doutrinas perenes são as folhas que sussurram os ensinamentos de Deus; os

frutos são a manifestação e colheita da graça divina; e a Providência, o solo que nutre e sustenta sua vida. *Fabula arbor*.

O homem contemporâneo e a sombra do Anticristo

Como disse Josef Pieper, "na história espiritual dos tempos modernos, a noção do Anticristo encontrou o mesmo destino que toda a ideia de uma situação final catastrófica na história". É como se vivêssemos seguros de que jamais haverá um vilão ou um obstáculo tedioso à nossa incrível marcha rumo ao progresso! Mas isso é mera ilusão...

O fato é que o homem contemporâneo, imerso em uma sociedade secularizada e imediatista, perdeu a conexão com a realidade do Anticristo como um agente histórico abrangente. E uma das causas dessa descrença reside numa certa crise teológica, que tornou a visão apocalíptica bastante marginalizada dentro de um ambiente guiado pela cosmovisão científica negativa. Isto relegou, quando muito, há algumas "seitas cristãs" a incumbência de pregar sobre ele - quase sempre num tom exagerado e disforme - como numa adoração catafática a seu espírito.

Na tradição teológica ainda revigorada, o Anticristo era entendido como uma mescla de forças políticas, sociais, culturais e espirituais, nunca como algo puramente etéreo pairando em situações históricas isoladas. Ele personificava a plena negação do Cristo, a sedução do poder terreno e a corrupção moral numa compreensão que o investia de caráter autoral - como agente histórico - reconhecendo suas manifestações de modo empírico e orgânico ao longo dos tempos. Negar sua existência ou simplificá-la é arriscado demais para a fé e a dignidade humana.

Enquanto o estado de confusão conceptual impera, a sombra do Anticristo penetra a humanidade contemporânea através de sua presença real nas estruturas sociais e mentalidades coletivas. Neste âmbito podemos observar o homem contemporâneo imerso nela; tranquilizado pela falsa certeza de que sempre haverá um avanço e nunca um retrocesso; repousando distante do pensamento perturbador de que "o Anticristo é parte da história".

No entanto, é preciso despertar desse sono e reconhecer a urgência de enfrentar a presença maligna que nos rodeia - não apenas em espírito, mas em corpos! Somente assim poderemos estar preparados para resistir e encontrar a verdadeira segurança na esperança que vem de Cristo, o verdadeiro Senhor da história.

A transição

Ao longo dos últimos séculos, a história da filosofia testemunhou uma transição significativa entre o primado da verdade, defendido pelo realismo, e a ascensão do relativismo. A filosofia clássica e medieval sustentava firmemente a existência de uma verdade objetiva, ancorada na correspondência entre as proposições e a realidade. No

entanto, o cenário filosófico começou a se transformar após o Renascimento e, especialmente, com o surgimento das filosofias nominalistas.

O advento do nominalismo trouxe uma mudança profunda na compreensão da verdade. Filósofos como Guilherme de Ockham argumentaram que a verdade era uma construção humana, dependente das convenções linguísticas e das perspectivas individuais. Essa perspectiva, ganhando espaço, começou a abalar os fundamentos do realismo, dando origem a uma visão mais subjetiva e contextual da verdade.

O iluminismo do século XVIII desempenhou um papel crucial na disseminação deste relativismo, transferindo-o para a esfera da cultura e da sociedade ao enfatizar a autonomia individual, a razão e a liberdade de pensamento. Essa valorização da autonomia levou a uma valorização crescente da diversidade de opiniões e perspectivas, contribuindo para seu florescimento ainda maior.

A partir de então, a tentação relativista se estabeleceu no domínio das ciências. Nas naturais, a busca por leis universais permaneceu como um ideal, mas o enfoque na subjetividade e na relatividade de certas observações e interpretações ganhou espaço. Nas humanas, o relativismo teve uma influência ainda mais profunda: antropologia, sociologia, história e outras disciplinas começaram a adotar uma abordagem culturalmente relativa, considerando a diversidade de crenças e valores presentes em diferentes sociedades.

Esta "queda" das ideias começou conceitualmente na filosofia e com o passar do tempo se espalhou a todas as camadas da cultura e da sociedade, até se consolidar no domínio científico. "Pluralismo" e "diversidade", de perspectivas intelectuais, passaram a valores fundamentais da civilização e verdadeiros dogmas da metafísica fenomenista das ciências.

Eis a transição que nos fez filhos pródigos da verdade e crentes prósperos da opinião.

História & Pessoa

A união do sentido da história com o senso de "pessoa" é fundamental para evitar a perversão conflituosa do niilismo historicida. Por um lado, ela é necessária para que o homem aja de forma verdadeiramente humana, transcendendo sua existência animal; por outro, para que a história não seja apenas uma aventura caótica ou uma novela ideológica ininteligível e injustificada.

Para tal, uma ação autêntica deve ser buscada, um tipo especial de ação que possua um fim superior e que não seja limitada às meras convenções vulgares perpetuadas pela cultura contemporânea. Este é um requisito prévio para o homem atingir, com o máximo grau de consciência possível, o que lhe está disponível e reservado: a criação de uma obra eterna através de um símbolo formal sintético.

Ao recuperar plenamente este tipo específico de consciência, o homem irá compreender o que há de absoluto e sagrado em sua pessoa. Ele contemplará o paradoxo de sua singularidade em contraste com sua vocação universal, vivendo a certeza inquietante de que uma pessoa é tanto um momento fugaz no tempo quanto um canal onde reside o centro eterno do universo.

Portanto, a verdadeira união entre o sentido da história e o senso de pessoa reside no reconhecimento da importância da ação humana que busca fins superiores; na compreensão da história como algo inteligível e justificado; e na plena conscientização de si mesmo como um ser singular e universal, temporal e eterno simultaneamente.

Essa é a verdadeira metafísica da história que nos permite transcender as limitações de uma existência meramente animal e buscar, numa atitude plenamente humana, ir além das limitações simbólicas impostas por uma era obscura e sem sentido - que se entrava em nossos corações qual Leviatã de nossos destinos.

A razão histórica

A "razão histórica" refere-se ao princípio ou à lógica subjacente aos eventos e desenvolvimentos históricos. É a compreensão de que a história possui um sentido, uma ordem e uma coerência interna, em contraste com uma visão puramente aleatória ou caótica dos acontecimentos.

A noção de razão histórica implica que há uma racionalidade subjacente aos processos históricos, seja por meio de causas e efeitos, padrões recorrentes, lutas sociais, forças econômicas, ideias em evolução ou outros fatores. Ela sugere que os eventos históricos não são meramente acidentais ou aleatórios, mas estão conectados por uma estrutura ou direção subjacente.

A razão histórica pode ser abordada de diferentes maneiras por diferentes teorias ou perspectivas filosóficas. Alguns teóricos a veem como o resultado de uma dialética de forças opostas, em que há uma progressão ou síntese em direção a uma resolução superior. Outros podem enfatizar fatores econômicos, sociais, culturais ou políticos como impulsionadores do curso da história.

Essa ideia de razão histórica não implica necessariamente uma previsibilidade completa ou uma determinação rígida dos eventos futuros. Em vez disso, aponta para uma compreensão de que a história possui uma coerência e um sentido que podem ser analisados e interpretados, permitindo uma melhor compreensão do passado e até mesmo a possibilidade de extrair lições para o presente e o futuro.

Porém, em nosso método, a "razão histórica" não se refere à razão da história nem à história da razão. Ela representa a coerência interna da consciência que vivencia e expressa o fluir dos acontecimentos. A razão histórica é entendida, aqui, como a compreensão intrínseca e integradora da consciência em relação aos eventos, capturados na experiência e expressados como história. É a percepção e expressão da ordem

subjacente, da lógica e do significado que permeiam a consciência diante dos desdobramentos históricos.

Por isso, encaramos a razão histórica não como um fenômeno externo a ser captado, mas sim, como a conexão "metafísica" entre a consciência e o acontecer, dinâmica que permite uma compreensão mais profunda e significativa da nossa experiência no tempo.

O papel do cristão na História

O papel do cristão na história, conforme expressa a doutrina da Igreja Católica, apresenta uma estrutura intricada e rica em nuances. A princípio, a "história" é compreendida como uma sucessão de etapas em vista da "salvação", distinguindo-se entre "antes da lei", "sob a lei" e "sob a graça", indicando um progresso de estados em direção à restauração da natureza humana.

No "estado de inocência", o primeiro homem possuía a ciência plena, mas com o advento do pecado, a diversificação e a fragmentação das faculdades humanas se estabeleceram, resultando no "estado de culpa". A história então prossegue com a esperança de restauração e a busca por uma condição ainda melhor do que a perdida: o "estado de glória", ou graça definitiva.

Nessa incessante marcha, a revelação divina assume uma posição de destaque, sempre direcionada para o que virá a ser. Nisso, pressupõe-se sempre a noção de irreversibilidade do acontecer num fluxo contínuo que se encaminha inexoravelmente à realização plena - onde o ápice da história encontra-se na consumação da completa união com Deus. O papel do cristão na história, assim, se desdobra em diversas dimensões.

Como protagonista dos acontecimentos, o cristão é chamado a testemunhar sua fé proclamando o Evangelho e compartilhando a mensagem redentora, na responsabilidade de ser arauto da esperança. A participação na vida sacramental proporciona um meio de aprofundar sua relação com Deus, sendo os sacramentos considerados canais de graça e unidade com o divino.

A participação social do cristão, em meio às vicissitudes históricas, ganha uma profundidade alicerçada na busca pela justiça e no fomento do bem comum, refletindo o chamado à vida eterna como um impulso para direcionar e conformar a sociedade ao Reino de Deus.

Em paralelo, a vida de oração assume uma posição central no papel do cristão na história, funcionando como um vínculo de comunicação com o transcendente e um caminho para alcançar discernimento e força para viver de acordo com a vocação à vida eterna.

Em vista disso, podemos afirmar que o papel do cristão na história é ser uma espécie de "agente paciente" da transformação sobrenatural operada por Deus no tempo.

A parábola do joio é a moral da História

A parábola do joio expressa, entre outras coisas, um poderoso simbolismo que aponta para um elemento moral na raiz do processo histórico. Ao comparar o joio e a boa semente que crescem juntos no campo, ela revela a inevitável coexistência do bem e do mal no mundo histórico como condição para a "escolha moral", que têm função angular na determinação futura do destino pessoal.

A presença do Filho do Homem como aquele que semeia a boa semente do Reino simboliza a graça providencial que propaga os princípios divinos no tempo histórico, enquanto o diabo, representado pelo semeador do joio, as tentações e as forças que nos afastam deles. Isto nos revela que a tensão humana entre o bem e o mal será sempre constante até o fim dos tempos, na colheita, julgamento divino onde haverá a separação dos justos - para brilharem no celeiro do Reino de Deus - e dos ímpios - para arderem eternamente na fornalha de fogo. Esta é a curva da história onde as decisões morais serão ratificadas.

Ao relacionar essa parábola com a "moral da história", podemos entender o sentido da mistura entre o bem e o mal ao longo dos tempos como um fator estimulante para o desenvolvimento de nosso critério decisivo. Sim, pois a persistência da vigilância e dos esforços constantes para seguir o caminho da retidão e da justiça derivam do próprio cenário de oscilação entre momentos de virtude e corrupção. Eis o reflexo da presença das "duas cidades" agostinianas, que coexistem em nossas ações e escolhas através da tensão que nos impõe sempre as mais graves escolhas.

A mensagem dessa parábola é seriamente profunda, já que nos alerta sobre a importância de fazer escolhas sábias devido ao caráter de irreversibilidade do tempo e irrevogabilidade de nossos atos, mesmo os perdoados. Cultivar a semente da graça em nossos corações e no mundo através da ação moral é o caminho para alcançar o fim justo da história, que implica a necessidade da livre iniciativa e boa escolha.

A parábola do joio pode ser encarada como uma síntese simbólica da finalidade histórica em sua relação intrínseca com a moralidade humana.

Duas cabeças da Hidra contemporânea

Liberalismo e marxismo são duas cabeças da mesma Hidra: o domínio implacável do sistema financeiro. Ambos são alimentados por uma estrutura que corrompe o espírito humano, transformando as relações sociais primárias em meras relações empresariais ou políticas secundárias.

Os especialistas liberais e marxistas, movidos pelo mesmo sistema financeiro, não hesitam em sacrificar milhões de vidas humanas em nome de suas crenças ideológicas, ambas enraizadas na busca pelo poder e supremacia. Essas ideologias, apesar de aparentemente distintas, compartilham a mesma base de valores em que o poder, a competição e a dominação são consideradas prioridades - relegando a importância das relações sociais primárias ao segundo plano.

A influência nefasta do sistema financeiro é tão perversa que é capaz de obliterar e desintegrar a espiritualidade humana através destas ideologias, desviando a atenção das conexões genuínas entre os indivíduos e substituindo-as por relações puramente utilitárias. Como resultado, a humanidade é escravizada pela adoração a esses dois ídolos: o poder e a acumulação material.

Nesse cenário, todas as formas de relações primárias, como a família, a comunidade e a religião, são subjugadas e enfraquecidas, enquanto as relações empresariais e políticas ganham terreno e se tornam o padrão dominante. Uma visão maquinária da civilização, impulsionada pelo sistema financeiro, tem despedaçado a essência humana, deixando-a vulnerável ao controle das forças dialéticas do poder ideológico.

Assim, podemos perceber que sob o domínio do sistema financeiro, tanto o liberalismo quanto o marxismo se alimentam dessa estrutura opressiva proporcionada por ela, onde a verdadeira essência da humanidade fica aprisionada e seu espírito subjugado - deixando um rastro de desumanização em nome da busca desenfreada pelo domínio civilizacional.

Um breve olhar sobre a história recente nos leva a perceber que, no mundo contemporâneo, a experiência temporal da civilização está sendo devorada pela grande Hidra do sistema financeiro e suas duas cabeças, que rebaixam o homem ao nível mais artificial de existência: o "terrenismo" extremista das relações políticas e empresariais.

Concepção angular do tempo

A compreensão da natureza do tempo tem sido um desafio constante para os homens ao longo da história. Duas perspectivas notáveis se destacaram: a concepção cíclica e a concepção linear.

A concepção cíclica do tempo considerava que os eventos se repetiam em ciclos regulares e eternos, implicando em pouca importância para história. Esses ciclos não eram vistos como meramente repetitivos, mas significativos, por isso a necessidade de uma transposição simbólica em formas rituais. Os mitos e rituais eram veículos para acessar a dimensão transcendente do tempo, permitindo que o homem participasse dos padrões eternos através de ações primordiais. Esta concepção do tempo era a do homem antigo em geral.

Em contraste, surgiu a perspectiva linear do tempo, em que a história universal era vista como um processo irreversível e progressivo marcado por um movimento em direção a um fim teleológico, um ponto culminante de sentido e realização, uma verdadeira história. Nessa visão, o tempo era caracterizado por um sentido de progresso e evolução contínuos em que a humanidade marcha para o futuro em busca de um propósito maior. Esta era a concepção desenvolvida no seio da religião hebraica.

No entanto, acreditamos que, para além dessas duas percepções emergiu uma outra trazida pela concepção cristã baseada na encarnação do verbo e fixada em sua ação sacramental. A encarnação do verbo implica que o divino se manifestou na forma humana

de Jesus Cristo, tornando-se parte integral da história e dando a ela um sentido vertical - "presentificado" por ações sacramentais. Tais ações se configuram como momentos temporais sagrados e regulares que operam como canais visíveis para a graça divina fundir o mundo histórico ao metafísico, a eternidade ao tempo cíclico e linear.

A ideia angular do tempo é aquela em que a encarnação do verbo, por intermédio da sua ação sacramental, une o tempo linear ao tempo cíclico num ângulo vertical presente, tornando o homem partícipe ativo no cumprimento de um propósito final através dos padrões temporais.

E esta é a função da "pedra angular da história": formar um ângulo reto entre as massivas paredes do tempo cíclico e do tempo linear.

A "sublime" escravidão

Na história da humanidade a escravidão tomou várias formas e contornos, evoluindo de sistemas de servidão material até às mais etéreas amarras de nossos tempos. Hoje, nos deparamos com a mais sublime escravidão, que difere fundamentalmente do escravismo antigo e da servidão medieval pela sua sutileza e penetração na "psique social". Essa nova forma de escravidão está enraizada na prática da usura e na obtenção de um verdadeiro tesouro: a dívida exponencial.

O escravismo antigo e a servidão medieval eram caracterizados pela exploração material dos indivíduos, seja através da propriedade pessoal ou da vinculação contratual à terra. No entanto, a prática escravista vem assumindo há alguns séculos não só uma nova roupagem mas um novo estatuto, onde as correntes são invisíveis e as amarras financeiras substituem as correntes físicas. Essa forma de escravidão é alimentada, em grande parte, pela dívida bancária e pela submissão silenciosa ao sistema financeiro.

Ao contrário dos sistemas anteriores onde a escravidão era uma instituição claramente admitida, a escravidão sublime ocorre de maneira clandestina e disfarçada, explorando as vulnerabilidades das vítimas sob pretexto da prestação de serviços à sociedade global. Mas na verdade, longe de ser um mero "serviço" este é um método draconiano de manter as pessoas aprisionadas em uma teia de dívidas fraudulentas constantemente infladas por juros abusivos. Dentro deste ciclo vicioso, seus servidores são mantidos em condições de exploração contínua e perpétua acreditando piamente que são "clientes" - e não escravos. Aliás, a própria distinção clássica entre "senhor" e "escravo" é totalmente dissolvida nesse contexto, pois até mesmo o mais ilustre membro deste sistema se encontra escravizado por ele.

O sistema financeiro usurário é o catalisador desse ciclo insidioso que, com sua oferta exorbitante de créditos baseada em taxas abusivas de juros, aprisiona os indivíduos em um ciclo interminável de dívidas. Aqueles que buscam escapar dessa armadilha descobrem a completa impossibilidade ao perceberem que a sublime escravidão não é uma instituição a mais na civilização, mas ela própria. "Riqueza de banco é dívida".

A dupla face da História

A história da humanidade é uma tapeçaria intricada de eventos, marcada pela tensão constante entre o "que foi" e o "que será". São duas faces de uma mesma moeda, entrelaçadas no teatro do tempo, como concebido por Agostinho - onde o presente age como uma figura da eternidade entre o passado e o futuro.

A filosofia agostiniana do tempo nos oferece uma visão profunda das dimensões temporais e espirituais da história. O presente, como uma ponte entre o que já não é (passado) e o que ainda não é (futuro), sustenta a experiência temporal humana. Essa perspectiva nos convida simultaneamente a contemplar duas direções morais que coexistem nela ao longo das eras.

No plano da "Cidade de Deus" e da "Cidade Terrestre", Agostinho retrata essa tensão. A "Cidade de Deus" representa a comunidade da graça divina, enquanto a "Cidade Terrestre", a dos pecados e fraquezas humanas. Essas cidades coexistem entrelaçadas no palco da história, ilustrando a tensão temporal entre o divino e o terreno.

O mito de Janus, o deus romano com duas faces, também serve como símbolo dessa realidade. As duas faces de Janus indicam duas direções contraditórias, mas igualmente reais na história humana. Como Janus, olhando simultaneamente para o passado e o futuro, a humanidade se equilibra entre o que foi perdido (no pecado) e o que pode ser alcançado (na graça).

Na trajetória da história, pecados são cometidos, erros são repetidos, mas também percebemos sinais da graça e redenção. Essas duas faces, como as cidades de Agostinho, são como possibilidades escatológicas que moldam o destino da humanidade. Sua ambivalência é parte inerente da experiência humana de peregrinação espiritual que se desenrola no tempo.

Entre pecado e graça, podemos olhar para o passado como um campo de aprendizado e para o futuro como um caminho de esperança, reconhecendo que a dupla face da história é o que nos convida à verdadeira liberdade de escolha: entre o "amor de si" ou o "amor de Deus".

A poética histórica

A história é uma propriedade ontológica refletida nos eventos, personagens e sociedades ao longo dos tempos. Por isso, ao olharmos para além de seus meros registros frios e lineares podemos perceber sua verdadeira essência, que, não está apenas na factualidade dos acontecimentos, mas sim, em sua capacidade de transmitir um certo "sentido". É aqui que a poética histórica se revela como uma lente crucial para sua compreensão profunda.

Desde tempos imemoriais poetas têm erguido suas penas como pontes entre os séculos, transmitindo emoções, dilemas e triunfos humanos de uma era para outra. Foi

assim que Homero, em sua "Ilíada" e "Odisseia", transcendeu a mera crônica imortalizando não apenas batalhas e viagens, mas as complexidades da condição humana. A poesia épica foi responsável por enlaçar fios narrativos e sensibilidade artística, oferecendo-nos uma visão mais profunda e vívida do passado histórico.

A escrita histórica convencional muitas vezes se afunda exclusivamente em análises objetivas, negligenciando a riqueza subjetiva que só a poética pôde nos revelar. Ao considerarmos os versos apaixonados dos poetas, nos expomos à compreensão não apenas dos eventos, mas da paixão e fervor que inflamavam os corações naqueles tempos tumultuosos. A poesia, assim, torna-se uma arqueóloga da emoção humana, desenterrando movimentos da alma que moldaram destinos e ações.

Uma perspectiva poética da história enxerga na natureza das experiências individuais a chave para decifrar os anais da humanidade. Ao transcender o frio rigor da análise cronológica e empírica, a arte poética tende a uma compreensão mais profunda que desvela os ritmos pulsantes que moviam as eras - ao assumir o papel da própria testemunha ocular: registrando em si as marcas invisíveis deixadas pelo tempo.

Ao aceitarmos a fecundidade da poética para uma compreensão mais penetrante da história, poderemos repensar a estrutura mental científica - e até filosófica - que postula a predileção empírica como bastiã de todas as perspectivas do acontecer.

Civilização e declínio

Uma civilização surge de um núcleo familiar, mas só floresce devido à sua capacidade de se manter fiel a esta origem fundamental. Paradoxalmente, muitas das sementes do sucesso também carregam consigo os germes de sua própria decadência.

É exatamente num momento de ascensão que ela pode plantar as sementes de sua própria destruição. O sucesso muitas vezes traz consigo a complacência e a desatenção aos sinais de vulnerabilidade, tornando possível seu declínio.

O elemento político é crucial para o florescimento de uma civilização, porém, os sistemas políticos bem-sucedidos podem eventualmente se tornar estáticos e corruptos. A falta de adaptação a mudanças sociais - e até naturais - pode resultar em crises internas que abalam os alicerces de uma sociedade.

Há também o papel das guerras e conflitos. Enquanto os triunfos militares muitas vezes contribuem para o apogeu de uma civilização, a busca incessante pelo poder e a militarização desmedida podem ser catalisadores de sua queda - exaurindo recursos e minando sua estabilidade interna.

Entretanto, a mudança cultural parece ser o ponto focal para a ascensão ou queda de uma civilização. Embora a cultura seja um impulsionador do desenvolvimento, as mudanças culturais abruptas ou a perda de identidade podem desencadear um declínio irreversível. Uma civilização que perde suas raízes culturais de base familiar pode se ver rapidamente à deriva, perdendo a coesão que a mantinha firme.

Em relação ao declínio das civilizações, percebemos que elas estão fadadas ao insucesso quando se tornam incapazes de compreender sua própria história. A falta de flexibilidade para se adaptar aos desafios temporais; a visão míope acerca de si mesma; e a incapacidade de evoluir perante seus elementos antagônicos podem determinam seu declínio.

Em síntese, há uma complexidade intrínseca no ciclo histórico das civilizações. Ao prosperarem elas enfrentam riscos latentes que, se negligenciados, podem resultar em sua inevitável decadência. Sua capacidade de aprender, evoluir e manter um equilíbrio delicado entre estabilidade e adaptação torna-se a chave para compreender a causa de todo declínio: a falência do núcleo familiar fundante.

A História é Natal

O Natal é um evento que transcende a contingência cronológica, mas que se dá nela. Tendo uma natureza única de mistério, ele guarda sua razão de ser na fusão entre realidade espiritual e acontecer histórico. Por isso seu traço essencial está colocado dentro de um gracioso paradoxo: o Natal é tanto um acontecimento único quanto uma dinâmica repetitiva da história. E isso se dá de duas formas.

De forma geral, o Natal aconteceu num tempo preciso, num dia preciso de uma época precisa, portanto, ele é um fato histórico da ordem temporal. Porém, de forma particular, ele se apresenta perenemente no amplo contexto da experiencia espiritual do homem que transcende a própria temporalidade. Isto equivale a dizer que o Natal é um ciclo litúrgico coletivo enraizado na pratica devocional de caráter íntimo. E esta essência mista de eternidade e historicidade do Natal que é expressa, inequivocamente, pelas santas imagens do Evangelho.

Uma das mais marcantes é a peregrinação da Sagrada Família até Belém, pelos caminhos tortuosos da via no tempo. Ela representa a humanidade universal, mas sobretudo, o homem singular em marcha até seu princípio e fim. Nela podemos observar uma síntese da história humana dentro de um contexto de salvação.

São José a frente, guiando o burrinho em que se assenta a Santíssima Virgem Maria gestando o Verbo, é a imagem da inteligência reta, viril e dócil à verdade em seu enfrentamento aos obstáculos da história. Ele tem a alcunha de guiar toda a família - seja pela fé eclesial (forma geral), seja pela fé pessoal (forma particular).

Logo atrás está o veículo de viagem, as potencias animais do burrico. Sem ele a trajetória não poderá ser feita pelo simples fato de a contingencia histórica exigir tal dimensão de suporte. O burrico segue São José, sendo dócil à sua condução. Ele tem como objetivo manter a caminhada em curso – seja pela instituição visível da Igreja na espera da Parusia (forma geral), seja pela constituição física da pessoa em expectativa de ressurreição (forma particular).

Sobre ele está a Santíssima Virgem, reduto puro e santo onde o Verbo deve se instalar para ser amado: a vontade. Somente ela pode ser passiva o suficiente para se

deixar guiar pela inteligência, que a dirige pelo suporte das potencias animais. Ela tem como objetivo a gestação profunda na vida espiritual que é caridade – seja pela união sacramental da Igreja (forma geral), seja pela piedade da devoção interior (forma particular).

O destino de tal comboio natalino é, sem o saber, a gruta: lugar inóspito, escuro, repudiado. Este lugar é a escuridão da fé, onde o nascimento se produz. Somente neste lugar esquecido pelas luzes do mundo a verdadeira luz pode nascer e irradiar sua vida a todos os outros. Isto se deu no tempo em que nasceu o Salvador; se dá anualmente pela liturgia universal da Igreja; e, também, pode se dar pela prática diária da oração constante e cada vez mais profunda. A gruta de Belém é a Igreja (forma geral) e alma orante (forma particular).

Tal é o caráter único do Natal: ser um fato histórico especialíssimo que se repete não acidentalmente, mas substancialmente, através da liturgia universal e da devoção particular. A verdadeira História é Natal.

O hilemorfismo do acontecer

A teoria clássica grega que postula a composição essencial de todos os entes em matéria e forma é uma lente valiosa para interpretar a tênue realidade daquilo que denominamos “acontecer” – elemento crucial para o entendimento do que é a História.

O hilemorfismo - "hyle" (matéria) e "morphe" (forma) - postula que tudo o que existe é composto por duas instâncias fundamentais. Na Grécia Antiga essa doutrina foi essencial para compreender a natureza intrínseca dos objetos e entidades. No entanto, quando inserimos essa perspectiva à noção de "acontecer", desvendamos algo sobre a complexidade da História enquanto atualidade que age sobre o potencial de significado do movimento e do tempo nas coisas que são.

Ao atribuir ao "acontecer" o sentido hilemórfico, a matéria passa a ser o substrato dinâmico presente no ser das coisas. O “acontecer”, nesse contexto, não pode ser compreendido apenas como o fluxo de eventos em si mesmos, mas como a manifestação incessante da transformação material que espera ser preenchida por uma forma superior de existência. O movimento e o tempo, inerentes à esta matéria, assumem o papel de paciente aguardando um agente para se tornarem, de fato, significativos, completos e além de si mesmos.

Por outro lado, a forma no contexto do "acontecer" adquire dimensão mais ampla e complexa. Ela transcende a mera manifestação física do dinamismo se inserindo na esfera do testemunho, da compreensão e do símbolo - História. Cada evento, cada instante que compõe o tecido do tempo, carrega consigo este potencial de forma que só pode ser dado no seio de uma consciência que vê. A forma, assim entendida, se realiza como símbolo narrativo conferido aos acontecimentos - interpretação que molda nossa compreensão do passado no presente prenhe de futuro.

Nesse sentido, a História se configura como a ação consciente que dá forma final à matéria do acontecer. Cada encadeamento de acontecimentos é esculpido por nossa experiência perceptiva e reflexiva que lhes dão identidade acima de sua mera existência empírica. A interação sintética entre movimento temporal e forma dada na consciência é o próprio vislumbre que revela a possibilidade de significados e sentidos.

História, lugar de onde se vê

O teatro é o lugar próprio da atuação, da contemplação e da concórdia entre estas duas potências. Nele se dá a simbiose perfeita entre a prática e a teoria; o movimento e a inatividade; o cântico e o silêncio.

No teatro nenhuma ordem humana é desprezada, todas são consideradas, satisfeitas e ressaltadas sob o influxo da representação. O theatron é o "lugar para olhar" - theasthai, "olhar", tron, "lugar". Ele é o lugar onde transcorre a ação, e isto define o homem enquanto animal que atua e contempla o enredo de sua própria história. Nada é mais afeito à sua natureza histórica quanto o espaço que miniaturiza aquilo que Deus criou para nós: o mundo, o tempo – Sua fábula!

Digo fábula pois a história nada mais é do que a didática divina que nos apresenta uma analogia de sua Palavra. Como nas fábulas comuns - onde os personagens são animais que apresentam características humanas - na história os personagens são os próprios homens, representando características divinas que revelam, no fim, sua elevada moral.

E este espetáculo se passa no teatro da história como comédia, sob o estado poético de sua narrativa simbólica; tragédia, quando o fim nos é posto e imposto com sua dureza de certeza austera; e drama, pela trama atual de nossas vicissitudes quando coroada por algum feito extraordinário e miraculoso!

Somos instados a este tríplice gênero de experiências no palco da vida, no tablado das mais tácitas alegrias e das mais estúpidas discórdias, sob a viga oriunda de uma vontade ininterrupta que nos mantém e dirige diante de um largo e plano assento de espectador, voltado à cena, sombra pela qual os artistas desta farra devem se exaurir em direção ao proscênio - à luz de Seu olhar.

A peça da história é medida, porção, parte que não nos cabe desvendar - senão brincar - sob o impulso de um ato, aquele em que, guiados pela destra diretiva, suscita-nos publicidade. Pois estamos enlaçados pelo coro dos anjos, e pelo rodear de todos os astros e estruturas cósmicas que derramam na terra a virtude do próprio céu.

A história é o lugar de onde se vê, teatro onde o ator e espectador têm seu tempo para conhecer e ser conhecido; amar e se fazer amar; morrer e se fazer viver.

Escatologia, essência da história

A escatologia, que trata das últimas coisas e do destino final do homem, não têm apenas uma função teológica ou dogmática: ela também desempenha um papel crucial na compreensão da história em sua totalidade.

Ao examinar a história sob uma perspectiva escatológica, é possível perceber uma sutil conexão entre os eventos temporais e um propósito inteligente. Neste caso, a história não é vista apenas como uma sucessão de eventos aleatórios, ou como uma sequência linear de acontecimentos, ela é vista como uma dynamis em direção a um fim determinado voluntariamente. Só isto lhe confere caráter teleológico, onde cada evento e período histórico são percebidos como parte de um sentido maior de promessa e cumprimento.

Com tal perspectiva a ressurreição dos mortos - pilar central da fé cristã - adquire uma dimensão histórica profunda. Não como um evento futuro a ser aguardado, mas como uma realidade influente que dá sentido à trajetória histórica do homem desde o agora. Nesse sentido, escatologia não tem como objetivo especulações sobre o fim dos tempos, mas a coerência interna da narrativa histórica atual.

A interação entre escatologia e liturgia também revela a essência escatológica da história. As celebrações litúrgicas não são simples rituais religiosos, e sim, manifestações tangíveis de um poder historicamente presente. Através da liturgia os crentes são convidados a participar antecipadamente da realidade eterna, ajudando a tornar presente - em suas vidas - a promessa escatológica de redenção e comunhão plena com Deus. Assim, a liturgia se torna um veículo vital entre a temporalidade e a eternidade, reafirmando o caráter escatológico inerente à compreensão histórica.

A perspectiva escatológica oferece uma compreensão objetiva da história, revelando-a como drama de redenção e restauração em que cada acontecimento, por mais trivial que pareça, significa algo para além de sua manifestação particular - e das pretensões argumentativas dos homens em sua ciência histórica.